

SIM, ELES EXISTEM! OS MUSEUS DO ALTO VALE DO ITAJAÍ-SC E SUAS PRÁTICAS EDUCATIVAS COM O PÚBLICO ESCOLAR

YES, THEY EXIST! THE MUSEUMS OF THE ALTO VALE DO ITAJAÍ-SC AND ITS EDUCATIONAL PRACTICES WITH THE SCHOOL PUBLIC

**Cíntia Mara Brighenti Radloff 1
Daniela Tomio 2**

Resumo: Na mesorregião do Alto Vale do Itajaí, em Santa Catarina/Brasil, existem 15 museus. A maioria deles são invisíveis nos documentos oficiais, nas pesquisas acadêmicas e nas interfaces com as escolas locais. Assim, buscamos dar visibilidade a esses contextos, por meio de uma pesquisa com o objetivo de mapear esses museus e elaborar referentes a fim de orientar a análise de suas práticas educativas para o público escolar. A pesquisa, de natureza qualitativa, parte de dois percursos investigativos: um bibliográfico, com a elaboração de referentes teóricos para análise das práticas educativas, e um percurso de campo, com uma entrevista com os educadores museais. Compreendemos a necessidade dos museus investigados investirem em novas práticas educativas, considerando aspectos dos referentes: explorar espaços diferenciados; desenvolver a prática investigativa; mobilizar a reflexão crítica; incentivar a interatividade (cooperação, coletividade, interação) e permitir a singularização da experiência, também, para o deleite, fruição e diversão.

Palavras-chave: Museu. Prática Educativa. Escola. Referentes. Alto Vale do Itajaí.

Abstract: In the mesoregion of Alto Vale do Itajaí, in Santa Catarina / Brazil, there are 15 museums. Most of them are invisible in official documents, academic research and interfaces with local schools. Thus, we seek to give visibility to these contexts, through a research with the objective of mapping these museums and elaborating references in order to guide the analysis of their educational practices for the school public. A qualitative research, part of two investigative paths: a bibliographic, with an analysis of theoretical statistics for the analysis of educational practices and a field trip, with an interview with music educators. Understand the need for the investigated museums to invest in new educational practices, considering the following aspects: exploring different spaces; develop an investigative practice; mobilize critical reflection; encourage interactivity (cooperation, collective, interaction) and allow the singularization of the experience, also, for elimination, reduction and fun.

Keywords: Museum. Educational Practice. School. Referents. Alto Vale do Itajaí.

Mestre em Educação. Docente da rede estadual de Santa Catarina. **1**
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5373262789633932>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5434-6662>. E-mail: cintia_m.b@terra.com.br

Doutora em Planejamento Urbano e Regional pelo Instituto de **2**
Doutora em Educação Científica e Tecnológica. Docente nos Programas de Pós-
graduação em Educação (PPGE) e Ensino de Ciências Naturais e Matemática
(PPGECIM) da Universidade Regional de Blumenau. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8383031584501078>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5578-7822>.
E-mail: danitomiobr@gmail.com

Introdução

Sim, eles existem! Com o nosso título buscamos chamar à atenção para os museus situados no Alto Vale do Itajaí, uma mesorregião do estado de Santa Catarina (SC), Brasil, cujas imagens de suas fachadas introduzem esse texto:

Figura 1. Museus do Alto Vale do Itajaí – Santa Catarina/Brasil.



Legenda: 1- Museu dos Pioneiros Edevaldo Cyro Thiesen (Ituporanga); 2- Centro Histórico Expedicionário Dionízio João Comandoli (Presidente Nereu); 3- Museu Paul Zerna (Witmarsum); 4- Museu Paleo Arqueológico e Histórico Prefeito Bertoldo Jacobsen – Mupah (Taió); 5- Museu Dona Emília (Salete); 6- Museu Histórico Cultural de Rio do Sul Victor Lucas (Rio do Sul); 7- Museu do Imigrante (Presidente Getúlio); 8- Museu da Madeira (Rio do Sul); 9- Museu Nono Mengarda (Mirim Doce); 10- Museu Colonial e Recanto Ecológico Família **Águida** (Ibirama); 11- Casa do Imigrante de Dona Emma “Família Ax” (Dona Emma); 12- Museu Municipal Eduardo de Lima e Silva Hoerhann (Ibirama); 13- Museu Histórico Municipal Wogeck Kubiack (Atalanta); 14- Museu Coleção de Memórias (Agrônômica); 15- Memorial Xokleng (José Boiuteux, divisa).

Fonte: Radloff e Tomio (2019)

Segundo a Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que instituiu no Brasil o Estatuto dos Museus,

Os museus são instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, **educação**, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (BRASIL, 2009, p.1 grifo nosso).

O estatuto dos museus destaca a importância desses espaços para a educação patrimonial. Entretanto, apenas 26% dos municípios brasileiros (IBGE, 2019) possuem museus. A região do Alto Vale do Itajaí, no estado de Santa Catarina (SC), contexto de desenvolvimento

dessa pesquisa, apresenta uma situação excepcional ao cenário nacional. Em seus vinte e sete municípios, identificamos (até o ano de 2019) quinze museus. Apesar do expressivo número, muitos desses espaços são invisíveis nos documentos oficiais. No Guia de Museus de SC encontramos seis desses museus cadastrados (SANTA CATARINA, 2014), enquanto no Cadastro Nacional de Museus identificamos oito museus (IBRAM, 2011).

Esses contextos de educação não formal, também, não são objeto de pesquisa, pois a partir de um levantamento em plataformas de artigos científicos, teses e dissertações (BDTD IBICT, CTD CAPES e Portal Google Acadêmico¹) verificamos a ausência de estudos sobre os museus do Alto Vale do Itajaí. Isso nos permite constatar uma lacuna de produção de conhecimentos acerca desses espaços, nas diferentes comunidades científicas interessadas nessa temática. Do mesmo modo, em uma pesquisa realizada nesses museus, constatamos a pouca visitação do público escolar na maioria deles, pelo desconhecimento do potencial educativo desses contextos patrimoniais.

No cenário mundial, as histórias do surgimento e do desenvolvimento dos museus nos permitem interpretar que eles não são mais percebidos como repositórios de objetos antigos, lugar de coisas velhas, e, que em sua contemporaneidade, passam a assumir “[...] um papel importante na interpretação da cultura, da memória e na educação dos indivíduos, no fortalecimento da cidadania, no respeito à diversidade cultural e no incremento da qualidade de vida na contemporaneidade”. (BRASIL, 2018, p. 13). Em outras palavras, o papel dos museus além de servir de *memória para preservar o patrimônio*, passa a ser, também, de *memória para mobilizar ações no presente e projetar atos futuros*. Nessa perspectiva, a educação que acontece nessas instituições museais, especialmente com o público escolar, amplia a sua relevância, pois envolve refletir:

[...] uma série de aspectos singulares que incluem: os conteúdos e as metodologias próprios; a aprendizagem; a experimentação; a promoção de estímulos e da motivação intrínseca a partir do contato direto com o patrimônio musealizado, o reconhecimento e o acolhimento dos diferentes sentidos produzidos pelos variados públicos visitantes e das maneiras de ser e estar no museu; a produção, a difusão e o compartilhamento de conhecimentos específicos relacionados aos diferentes acervos e processos museais; a educação pelos objetos musealizados; o estímulo à apropriação da cultura produzida historicamente, ao sentimento de pertencimento e ao senso de preservação e criação da memória individual e coletiva. (COSTA *et. al.*, 2018, p. 73-74 grifo nosso)

Diante dessa importância dos museus e do seu papel educativo no atual contexto sócio-histórico, pareceu-nos imprescindível darmos visibilidade aos museus do Alto Vale do Itajaí-SC a fim de reconhecê-los também como lugares de educação em seus pequenos municípios e, quiçá, expandir o conhecimento deles, para além de suas fronteiras territoriais.

Para isso, buscamos por meio de uma pesquisa elaborar compreensões acerca das práticas educativas desenvolvidas nos museus, especialmente, com estudantes. Segundo Dutra (2012, p. 42), “[...] é nessa interface [museu-escola] que precisam ser construídas novas práticas educativas”. E, “exatamente pelo fato de o museu não ser a sala de aula, ele carece de todos os olhares, novos ou velhos, de pesquisa sobre as práticas educativas que ele propõe (NASCIMENTO, 2013, p. 234). Assim, interessou-nos conhecer as práticas educativas a partir dos educadores² que trabalham nos museus do Alto Vale do Itajaí. “Sabemos que quem pro-

1 Levantamento realizado no ano de 2018, com descritores informando os nomes de cada museu, na BDTD IBICT (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações); CTD CAPES (Catálogo de Teses e Dissertações CAPES) e Google Acadêmico.

2 A opção pelo termo Educador para nomear esse profissional que atua em museus teve como base as obras: Conceitos-chave da Educação em Museus (SÃO PAULO, 2013) e A Educação em Museus e os Materiais *Educativos* (MARANDINO *et al.*, 2016).

duz, escolhe e utiliza os materiais educativos nos museus são os educadores. [...] São eles, em geral, que protagonizam o desenvolvimento das atividades voltadas ao atendimento do público”. (MARANDINO *et al.*, 2016, p. 14). Ainda, “tal construção é influenciada pelas características e pela concepção de conhecimento e de educação dos educadores e da instituição onde se encontram” (2016, p. 14), bem como das condições materiais do museu para sua realização.

Com isso, socializamos uma pesquisa com o objetivo de mapear os museus das cidades que compreendem o Alto Vale do Itajaí e elaborar referentes a fim de orientar a análise de suas práticas educativas para o público escolar.

Na pesquisa, definimos *referentes*, tendo por base um estudo de Silva, Almeida e Gatti (2016, p. 28), que os definem como:

[...] critérios pelos quais possamos compreender e ajuizar, em uma perspectiva eminentemente formativa, diferentes tipos de atividades que compõem e informam o trabalho de professores, e não instrumentos por meio dos quais determinar as formas como as atividades docentes deveriam ser executadas e fundamentadas.

Ampliamos essa definição de referentes para pensarmos as práticas educativas que *compõem e informam o trabalho* de educadores em museus com o público escolar. Com a sistematização desses referentes buscamos compreender e ajuizar, em uma perspectiva eminentemente formativa, diferentes tipos de práticas educativas desenvolvidas nos museus do Alto Vale do Itajaí. Do mesmo modo, pressupomos que poderão servir para outros contextos museais no planejamento e avaliações de suas próprias práticas, contribuindo para “[...] um quadro teórico e metodológico [...] a serviço da elaboração, da implementação e da avaliação de atividades educativas em um meio museal.” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 39).

Nas próximas seções descrevemos o percurso bibliográfico de elaboração dos referentes e o percurso de campo para o mapeamento, visita e caracterização das práticas educativas dos museus, considerando os referentes propostos.

Percurso bibliográfico: Referentes para análise das práticas educativas em museus com público escolar

Como podemos interpretar as práticas educativas que acontecem nos museus? Com que critérios planejamos e desenvolvemos práticas educativas nos museus para o público escolar? Perguntas como essas nos mobilizaram a elaborar referentes a partir da articulação teórica entre objetivos para Educação Não Formal, o papel social de museus e suas relações com a escola, a fim de orientar a análise de práticas educativas para o público escolar em museus.

Segundo Marandino *et al.* (2009), as pesquisas qualitativas em museus podem ser identificadas em função dos objetivos em estudos de concepção, “[...] voltados para a compreensão dos fundamentos utilizados para conceber e planejar as atividades educacionais e comunicacionais” (MARANDINO *et al.*, 2009, p. 7), e estudos de recepção, “[...] voltados para compreensão dos processos de aprendizagem do público que participa das atividades educacionais” (MARANDINO *et al.*, 2009, p. 7). Destacamos que nossa pesquisa se classifica como um estudo de concepção, já que interessou-nos conhecer quais fundamentos formam a base das práticas educativas dos museus do Alto Vale do Itajaí e não o modo como se desenvolve a aprendizagem do público escolar a partir delas.

No percurso bibliográfico para elaboração dos referentes, articulamos fundamentos teóricos, no diálogo com diferentes autores. Em vista da amplitude da pesquisa (RADLOFF, 2019) e das poucas laudas para o artigo, optamos em fazer uma síntese desses fundamentos, para então evidenciar o percurso de elaboração dos referentes. Inicialmente, delimitamos três eixos conceituais: o conceito de prática educativa; os objetivos e especificidades da Educação Não Formal; o papel social dos museus e suas relações com a escola.

A partir de uma revisão sistemática de 12 pesquisas brasileiras sobre museus que apresentavam conceitos para práticas educativas, formulamos um conceito síntese. Além disso,

sistematizamos fundamentos teóricos para os objetivos e especificidades da Educação Não Formal; o papel social dos museus e suas relações com a escola, que no quadro 1 apresentamos em síntese:

Quadro 1. Síntese de fundamentos teóricos e autores de referência.

<p>Prática educativa é um processo, planejado e desenvolvido, com intencionalidade educativa de promover, num dado tempo e contexto social, relações entre sujeitos e com os objetos museais, com a finalidade de oportunizar ao público visitante a elaboração de conhecimentos que contribuam para a sua formação humana, a participação social, apropriação e transformação cultural.</p>	
<p>Papel social dos Museus nas interfaces com a escola <i>Martins (2006, 2011, 2013), Lewis (2004), Julião, (2006), Marandino (2008, 2009), Nascimento (2010, 2013), Dutra e Nascimento (2016)</i></p>	<p>Objetivos da ENF <i>Gohn (2010); Marandino (2008, 2009), Castro (2015)</i></p>
<ul style="list-style-type: none"> - apresentar o museu ao público escolar como espaço preservação e exposição de patrimônio material e imaterial, importante de ser conhecido; - incentivar o público escolar à reflexão do papel do museu além de memória para preservar, de uma memória para mobilizar (<i>por que visitar um museu?</i>); - contribuir para o público escolar elaborar conhecimentos em relação com os objetos (<i>o que conhecer</i>); - contribuir para o público escolar se apropriar de novas formas de aprender (<i>como conhecer</i>); - engajar o público escolar por meio da reflexão dos objetos com a história e suas relações com a cultura; - promover atividades de estudo ao público escolar; - contemplar e valorizar a diversidade cultural; - promover lazer e deleite ao público escolar; - divulgar ao público escolar ciência, tecnologia e arte em um contexto social e cultural, incentivando a reflexão crítica para o acervo; - promover ao público escolar experiências sensíveis na relação com os objetos, valorizando todos os sentidos; - possibilitar diferentes interações do público escolar com objetos museais e outras pessoas (especialistas; educadores do museu, pessoas da comunidade...); 	<ul style="list-style-type: none"> - promover um meio de experiências diferenciadas das escolas; - valorizar experiências de elaboração de conhecimentos em práticas socioculturais compartilhadas; - colaborar com a formação do indivíduo para integrar em sociedade, em uma dimensão política; - oportunizar percursos formativos que possibilitem aos sujeitos fazerem uma leitura crítica do seu cotidiano; - exercitar práticas que capacitem os sujeitos para solução de problemas na vida cotidiana e no mundo do trabalho; - favorecer diferentes e flexíveis tempos para experiências de aprendizagem, permitindo uma singularização da experiência; - incentivar trabalhos de coletivos, valorizando a cooperação e a comunicação;

Fonte: Radloff (2019, p. 50)

A partir do quadro 1, articulamos os três eixos, estabelecendo correspondência entre as dimensões teóricas e destacando essas relações com cores. A partir disso, realizamos um agrupamento por cor e, em um exercício de síntese, formamos categorias emergentes, destacadas pelas suas respectivas cores:

- Exploração de espaços diferenciados de aprender.
- Elaboração de conhecimento, pela prática investigativa.
- Reflexão crítica, mobilização.
- Interatividade (cooperação, coletivo, interação).
- Singularização da experiência, deleite, fruição, diversão.

O próximo passo foi organizar os referentes, contemplando neles as categorias elaboradas. No quadro 2 apresentamos essa sistematização dos referentes:

Quadro 2. Referentes da prática educativa em museus.

- 1- A prática educativa do museu com o público escolar precisa promover uma experiência de conhecer outro lugar, que tem especificidades que definem ser um museu, permitindo estabelecer outras relações com o saber, a partir do contato com objetos que não fazem parte do contexto escolar e que possuem importância como patrimônio científico e cultural.
- 2- A prática educativa do museu com o público escolar precisa promover a elaboração de conhecimentos estéticos, históricos, científicos, culturais numa interação, a partir de investigação, com os objetos museais. Nesta direção, a mediação acontece mais com perguntas, do que exposição.
- 3- A prática educativa do museu com o público escolar precisa possibilitar leituras críticas dos estudantes para o contexto social e cultural atual, considerando a história que os objetos comunicam/permitem interpretar de um determinado contexto histórico/social.
- 4- A prática educativa do museu com o público escolar precisa propiciar não só a interatividade entre as pessoas e os objetos museais, mas também entre as pessoas envolvidas (estudantes, especialistas, educadores de museu, pessoas da comunidade).
- 5- A prática educativa do museu com o público escolar precisa incentivar a singularização da experiência na relação com o objeto do museu, favorecendo a autonomia do visitante escolar na exploração do espaço do museu e nas relações com os objetos museais.

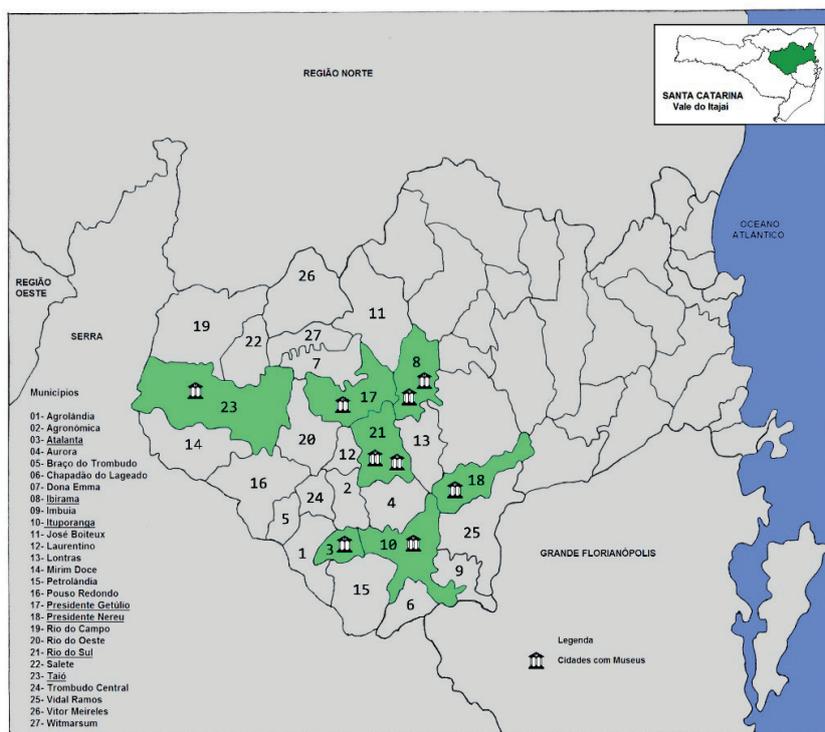
Fonte: Radloff (2019, p. 50)

Com os referentes sistematizados empreendemos para o segundo percurso investigativo, com o objetivo de mapear os museus das cidades que compreendem o Alto Vale do Itajaí, identificar suas práticas educativas e analisá-las, considerando os referentes propostos.

Percurso de campo: Conhecendo os museus e suas práticas educativas

O Alto Vale do Itajaí é composto por 27 municípios. Para identificar quais municípios possuíam museus, realizamos contato telefônico com os departamentos de Educação e ou Cultura das prefeituras municipais, o que nos permitiu aferir que em 13 municípios havia 15 museus reconhecidos pelas prefeituras. Identificados os museus, iniciamos nosso percurso de campo, agendando visitas nas instituições para a geração de dados. Com o aceite, elaboramos um roteiro de viagem, compreendendo 13 municípios do Alto Vale do Itajaí e percorremos um total aproximado de 900 quilômetros para conhecer os museus (figura 2).

Figura 2. Museus e cidades do Alto Vale do Itajaí.



Museu	Município
Museu Coleção de Memórias	Agronômica
Museu Histórico Municipal Wogeck Kubiack	Atalanta
Casa do Imigrante de Dona Emma “Família Ax”	Dona Emma
Museu Municipal Eduardo de Lima e Silva Hoerhann	Ibirama
Museu Colonial e Recanto Ecológico Família Águida	
Museu dos Pioneiros Edevaldo Cyro Thiesen	Ituporanga
Memorial Xokleng	José Boiteux - divisa
Museu Nono Mengarda	Mirim Doce
Museu do Imigrante	Presidente Getúlio
Centro Histórico Expedicionário Dionízio João Comandoli	Presidente Nereu
Museu Histórico Cultural de Rio do Sul Victor Lucas	Rio do Sul
Museu da Madeira	
Museu Dona Emília	Salete
Museu Paleo Arqueológico e Histórico Prefeito Bertoldo Jacobsen – MUPAH	Taió
Museu Paul Zerna	Witmarsum

Fonte: Radloff (2019)

Os educadores de museus foram convidados a responder uma entrevista semiestruturada, com perguntas organizadas em blocos: identificação, institucional, espaço físico, atividades museológicas, relação com a escola, relações com as práticas educativas, relações com os professores e relações com os educadores museais. Nesse artigo, socializaremos apenas as questões específicas sobre as práticas educativas.

Com os dados gerados nas interlocuções, inferimos que 11 museus realizam a prática

educativa de visita guiada por meio da ação do educador do museu, sendo que, desses, quatro realizam práticas complementares à visita guiada. Um museu oferece a prática educativa com total autonomia ao visitante, dois museus não realizam nenhuma prática educativa específica para o público escolar e em um museu não foi possível levantar dados sobre a existência ou não de práticas educativas. Para uma análise mais detalhada das práticas educativas dos museus do Alto Vale do Itajaí utilizaremos como categorias *os referentes para prática educativa*, anteriormente descritos. Todos os referentes possuem em comum um elemento, os objetos museais. Dessa forma, antes de iniciarmos as análises, consideramos ser necessário alguns esclarecimentos sobre a importância dos objetos museais durante uma prática educativa.

Os objetos museais são fontes históricas culturais que nos revelam conhecimentos sobre o passado. Quando passam a fazer parte do espaço museal, “[...] representam uma chave ou palavra mágica que permite falar dos modos de viver e de pensar compartilhados no momento da confecção do artefato ou do objeto artístico.” (NASCIMENTO, 2013, p. 243).

Os objetos em exposição podem causar no público visitante distintas reações “[...] de espanto, de curiosidade, de rememoração, de emoção – sintam-se convidados a interpretá-los em articulação com outros tempos de sua história e da produção de conhecimentos de seu grupo social, contextualizados na história local e universal”. (NASCIMENTO, 2013, p. 243).

Justificada a importância dos objetos museais, apresentamos a análise das práticas educativas, considerando os referentes.

- Primeiro referente: A prática educativa do museu com o público escolar precisa promover uma experiência de conhecer outro lugar, que tem especificidades que definem ser um museu, permitindo estabelecer outras relações com o saber, a partir do contato com objetos que não fazem parte do contexto escolar e que possuem importância como patrimônio científico e cultural.

“A visita a um museu pela escola pode ser compreendida como uma experiência que institui uma prática educativa híbrida.” (DUTRA, 2012, p. 285), porque possuem elementos culturais de dois contextos educativos diferentes, os museus e as escolas. Essas instituições educativas são diferentes em vários aspectos. Destacamos aqui a organização do espaço físico e liberdade de exploração de temas:

[...] ao invés das carteiras e mesas da sala de aula, apresenta-se o cenário da exposição. Para ser vista, apreciada, contemplada, admirada são convocados os múltiplos sentidos do visitante. A exploração dos objetos em exposição convida à movimentação mais livre dos visitantes; instiga a estabelecer uma relação corporal com objeto a ser conhecido (DUTRA; NASCIMENTO, 2016, p. 133).

A forma de aprender em ambos os espaços também é diferente. No museu é “possível ter contato com uma forma de aprender que dispensa o registro e os instrumentos de aferição do conhecimento aprendido, suscitando outra relação com o saber, alicerçada no prazer pelo conhecimento” (DUTRA; NASCIMENTO, 2016, p. 133). “Diferentemente da escola, o museu não pretende sugerir um programa de ensino rígido. Pelo contrário, deseja ser um ambiente livre de ansiedade, pressão e tempo” (SOUZA, 2015, p. 34).

Dessa forma, quando a escola vai ao museu, acontece além do deslocamento espacial, um deslocamento de referências culturais. O público escolar transita de uma cultura conhecida (a escolar), para outra desconhecida (a museal). Por isso, “[...] a visita museal é compreendida como um deslocamento intercultural capaz de mobilizar elementos dos dois contextos culturais” (DUTRA, 2012, p. 33).

Quando os estudantes chegam ao museu, inicia-se a experiência composta pelo encontro dos dois universos culturais diferentes. Assim, “[...] o movimento de deslocamento do universo escolar para o universo museal forja um novo espaço e novo tempo de aprendizagem, e compõem uma vivência educativa situada em um entre-lugar” (DUTRA; NASCIMENTO, 2016, p. 126).

Assim, a prática educativa dos museus é híbrida, porque é gestada na escola, mas acontece no museu, proporcionando formas de aprendizagem que misturam elementos do contexto escolar e elementos do contexto museal. “Ao aproximar elementos dos dois contextos educativos – museus e escolas -, ela encerra as potencialidades que cada um dos universos pode oferecer na formação dos alunos” (DUTRA, 2012, p. 285). O museu é o entre-lugar dessa prática educativa.

Ao ponderarmos a caracterização das práticas educativas, inferimos que *todos os museus do Alto Vale do Itajaí* ao abrirem suas portas para o público escolar possibilitam a experiência de conhecer outro lugar, gerando “[...] possibilidades de deslocamentos capazes de subverter a rotina da escola e suas estruturas rígidas” (DUTRA, NASCIMENTO, 2016, p. 133) e, com isso, oportunizando outras formas de educação.

Assim, as experiências proporcionadas pela visita ao museu “[...] podem ser capazes de mobilizar potencialidades diversas e permitir agregar sentidos múltiplos ao ato de aprender” (DUTRA; NASCIMENTO, 2016, p. 131). Entretanto, para que isso amplie o significado da visita, se faz necessário o desenvolvimento de uma prática educativa. Nesse sentido, entendemos que nos dois museus investigados onde não são desenvolvidas práticas educativas para o público escolar, a possibilidade de constituição de uma prática educativa híbrida fica reduzida. Dessa forma, reiteramos o quão importante é a relação de parceria entre museu e escola, pois a elaboração e o desenvolvimento dessas práticas educativas “[...] interferem na relação entre museus e escolas e, em longo prazo podem implicar a formação de novos hábitos culturais” (DUTRA, 2012, p. 40), como desenvolver a autonomia em visitar museus.

- Segundo Referente: A prática educativa do museu com o público escolar precisa promover a elaboração de conhecimentos estéticos, históricos, científicos, culturais numa interação, a partir de investigação com os objetos museais. Nesta direção, a mediação acontece mais com perguntas, do que exposição.

Sugerimos nesse referente que a prática educativa dos museus seja investigativa. Isso remete ao uso de problemáticas, que se constituem de perguntas. Dessa forma, práticas educativas investigativas, baseadas em problemáticas, utilizam-se de perguntas para mobilizar o diálogo e a vontade de investigar o objeto museal. Atentamos que “quando não há problemáticas historicamente fundamentadas, o resultado da pergunta é uma coleção de datas e fatos, uma linha cronológica pontuada de acontecimentos, sem relação dialética com o presente”. (RAMOS, 2004, p. 25). Assim, essas perguntas necessitam desafiar os pensamentos dos estudantes, a partir do contato com a exposição. Dessa forma, eles visualizam o objeto exposto “[...] com o olhar eivado de questões, e não a partir da apresentação do monitor guiando a visita.” (RAMOS, 2004, p. 27). E esse ato de incitar o olhar a partir de problemáticas proporcionará a prática educativa, uma possibilidade de interpretação investigativa, questionadora.

A prática educativa dos museus, pode elaborar conhecimento sobre diversas áreas, pois “Os museus conciliam questões separadas como “a ciência, a técnica, a arte, a poesia, a história, o concreto e o abstrato, a clareza e o mistério, a beleza e o homem” (NASCIMENTO, 2013, p. 233-234). Os objetos da cultura material e imaterial expostos nos museus representam a cultura de um determinado período histórico, os sentimentos de um povo. E por meio deles é possível elaborar conhecimentos, independentemente do tipo de museu visitado.

Destacamos a elaboração dos conhecimentos estéticos, por corroborar Duarte Jr. (2001, p. 173), quando afirma que “o conhecimento, especialmente o científico, desligou-se de percepções harmoniosas do mundo, de percepções que levavam em conta os sentidos diários do homem comum”. Em nossos dias atuais, cada vez mais o ser humano está perdendo a capacidade de sentir a si próprio e ao mundo, assim as emoções proporcionadas pelas relações com os objetos, podem representar uma retomada dessa capacidade de sentir.

Com base nesse referente, analisamos as práticas educativas desenvolvidas, considerando os excertos de entrevistas dos educadores dos museus³:

³ Nos excertos das entrevistas, adotamos as seguintes convenções de transcrição: *italico* citação; [...] para supressão de algumas partes; **negrito** para partes destacadas pela pesquisadora para análise.

Excerto 1: *Ao circularem pelo museu, recebem informações dos objetos museais em exposição [...]* (EM_1).

Excerto 2: *[...]circula com o grupo escolar por todas as salas do museu, relatando um breve histórico do espaço* (EM_4).

Excerto 3: *[...] os objetos museais expostos são nomeados para público escolar. O educador museal só acrescenta informações ao nome do objeto, quando há o interesse de algum visitante* (EM_5).

Excerto 4: *Cada objeto tem sua história contada pelo educador museal* (EM_6).

Excerto 5: *[...] o público escolar pode observar os objetos museais e suas nomenclaturas. Informações complementares são oferecidas somente mediante interesse do público* (EM_7).

Excerto 6: *[...] acontece através do manuseio dos cards pelo público escolar, para leitura e discussão em grupo. Depois, o profissional complementa as discussões, mostrando os objetos museais* (EM_8).

Excerto 7: *[...] ocorre a visita monitorada, onde o educador museal explica o acervo e responde aos questionamentos* (EM_10).

Excerto 8: *[...]é realizada uma conversa sobre os objetos museais expostos ao redor da serra [...]* (EM_11).

Excerto 9: *[...] cada estudante escolhe um ou dois objetos desse bloco (dependendo da idade do grupo e do tempo de permanência no museu) para anotar informações que constam nas placas de identificação dos objetos museais* (EM_12).

Excerto 10: *Com as turmas de ensino fundamental, séries iniciais, há uma interação maior durante a visita guiada, enquanto, com as turmas do ensino fundamental, anos finais e ensino médio, o educador museal só responde as dúvidas, pois durante a palestra já receberam densa quantidade de informações* (EM_13).

Excerto 11: *O educador acompanha o grupo respondendo a questões de interesse individuais* (EM_14).

Excerto 12: *acontece a visita guiada no museu. Além de explicar os objetos em exposição, o educador também responde a questionamentos* (EM_15).

A tônica desse referente é o desenvolvimento de práticas educativas que favoreçam aos estudantes *investigarem os objetos museais* para elaboração de conhecimentos. Os excertos 1, 2, 4, 10 e 15, nos permitem observar, nos destaques em negrito, as práticas que são desenvolvidas pelos educadores dos museus e interpretar que práticas investigativas são substituídas por práticas de transmissão de conhecimentos.

Os excertos 3, 5 e 11 transparecem que a elaboração de conhecimentos fica totalmente a critério dos estudantes, sem a mediação de um adulto (como o educador do museu) que lhes propicie situações investigativas para elaborarem os conhecimentos a partir da interação com os objetos museais.

Nos excertos 6, 7 e 8, destacamos partes que permitem inferir que essa forma de condução da prática educativa, pode levar a elaboração de conhecimentos a partir da interação com o objeto. Essas possibilidades são vislumbradas nas práticas de conversar sobre objetos museais em pequenos grupos e com o educador do museu.

Por fim, remetemo-nos ao excerto 9, cuja prática educativa possibilita a elaboração de conhecimentos a partir interação com os objetos museais. Ao instigar que cada estudante escolha objetos em um determinado espaço delimitado do museu (bloco), o educador do museu promove a necessidade nos estudantes de observação, busca, exploração deste lugar. Com a posterior atividade de estudarem as informações científicas das placas dos objetos e compartilharem na escola, a prática educativa desenvolvida no museu pode contribuir para aprimorar as interações dos estudantes com os objetos museais e elaborar conhecimentos estéticos, históricos, científicos e culturais. Embora essa prática educativa (excerto 9) remeta às ações dos estudantes de interação com os objetos de modo mais ativo que as outras, que se concentram só na exposição do objeto, ela não é investigativa, uma vez que não parte de uma problemática que gere a necessidade de investigação.

Olhar as práticas educativas sob a perspectiva desse segundo referente, nos permite perceber que a maioria das práticas educativas desenvolvidas pelos museus da região do Alto Vale do Itajaí são baseadas no modelo de transmissão de conhecimentos, em que o educador de museu estabelece a relação entre o público visitante e o objeto museal, sem instigá-lo a interagir com o objeto. Esse modelo é chamado por Nascimento (2013), de modelo triangular da prática educativa. Acontece, principalmente, por meio da visita guiada. Segundo a obra *Museus em Números*, “A visita guiada é uma das ferramentas mais utilizadas no processo de interpretação ou reinterpretação de elementos pertencentes ou construídos pelos museus” (BRASIL, 2011, p. 121). Nascimento (2013, p. 236) também pondera que “as antigas práticas observadas até os anos 1970 dentro de um processo de musealização sequencial de isolar, anexar e mostrar continuaram sendo a marca dos museus”. Percebemos que nos museus do Alto Vale do Itajaí, essas práticas tradicionais são as mais utilizadas pelos educadores de museus.

Entender essa situação perpassa pela história dos museus. A preocupação dos museus com as práticas educativas para o público escolar, surgiu na Europa, no século XIX. “O aluno visitava o museu para observar “ao vivo” o que havia sido ensinado “em teoria” nos bancos escolares” (MARANDINO, 2008, p. 9). Por terem em comum, o público escolar, as práticas educativas dos museus sofreram influência das práticas pedagógicas da escola. Isso pode explicar e justificar porque a visita guiada com transmissão de conhecimento do educador de museu para o público escolar acontece na maioria dos museus, o que inclui o Alto Vale do Itajaí.

- Terceiro Referente: A prática educativa do museu com o público escolar precisa possibilitar leituras críticas dos estudantes para o contexto social e cultural atual, considerando a história que os objetos comunicam/permitem interpretar de um determinado contexto histórico/social.

Apontamos sobre a questão de possibilitar práticas educativas nos museus que permitam aos estudantes, na relação com os objetos museais, realizarem leituras críticas acerca do contexto social atual. Conforme Ramos (2004, p. 20) “[...] os debates sobre o papel educativo do museu afirmam que o objetivo não é mais a celebração de personagens ou a classificação enciclopédica da natureza, e sim a reflexão crítica”.

Segundo Ramos (2004) os museus não correspondem a lugares neutros e suas práticas educativas podem promover desde doutrinações, a processos reflexivos, dependendo da for-

ma como são conduzidas.

Ramos (2016, p. 92) argumenta que o processo reflexivo ocorre por meio dos objetos em exposição, pois nos “[...] objetos, há vidas latentes, prolongamentos do corpo, acordos e rupturas diante do espaço e do tempo”. Assim, “se antes os objetos eram contemplados, ou analisados, dentro de suposta neutralidade científica, agora devem ser interpretados”. (RAMOS, 2004, p. 20).

Com esse referente, destacamos a necessidade de possibilitar uma reflexão crítica, considerando a relação passado e presente. Ramos (2016, p. 71) adverte que “a comparação com o presente sempre pode ser perigosa, mas [...] necessária, porque é exatamente aí que nós cultivamos a consciência histórica, entendendo que o presente não está solto no ar, pois depende das pontes com o passado e o futuro”.

Com base nesse referente, destacamos excertos das práticas educativas desenvolvidas pelos museus:

Excerto 13: *A gincana começa com uma contextualização da história do município, apresentada antes da visita ao museu. Essa contextualização é enriquecida e ampliada com a visita guiada ao espaço museal (EM_4).*

Excerto 14: *Os grupos escolares são recepcionados ao ar livre, em frente ao museu, momento em que são questionados sobre os motivos da visita (EM_5).*

Excerto 15: *[...] conta a história da casa que abriga o museu, estabelecendo ligações entre a colonização do município e a constituição do museu, reforçando que, foi nessa localidade que se iniciou a história do município (EM_6).*

Excerto 16: *Cards são cartões com dados cronológicos que contam a história do município (EM_8).*

Excerto 17: *[...] inicia-se com uma contextualização da região de Rio de Sul, espaço habitado pelos indígenas antes da colonização. Para isso, empregam o gibi, Indígenas do Alto Vale do Itajaí: O povo Laklãnõ/Xokleng e a Colonização de Rio do Sul, elaborado pela própria instituição (EM_10).*

Excerto 18: *[...] com a apreciação de imagens, estabelecendo comparações entre os espaços históricos e os espaços atuais (EM_10).*

Excerto 19: *as discussões são conduzidas a fim de fomentar a conscientização do manejo correto da madeira (EM_11).*

Excerto 20: *uma palestra no auditório, onde o contexto do museu é explicado (EM_13).*

Excerto 21: *[...] são recepcionados com uma introdução a história do município (EM_14).*

Excerto 22: [...] *passam por um viveiro de mudas nativas da mata atlântica. Ali acontece além da conscientização ambiental, a distribuição de mudas aos estudantes (EM_15).*

Ao observarmos esses excertos, consideramos que algumas práticas educativas dos museus do Alto Vale do Itajaí, especialmente descritas nos excertos 14, 15, 17, 18, 19 e 22 podem possibilitar uma reflexão crítica dos estudantes acerca de contextos histórico-sociais de onde vivem.

No excerto 14, quando o educador do museu indaga aos estudantes os motivos que lhes levaram a visitar esse espaço, pressupomos que está incentivando o público escolar a refletir sobre o papel do museu. Com a análise dos excertos 15, 18, 19 e 22 podemos interpretar que as práticas educativas buscam estabelecer uma ponte entre o passado e o presente, permitindo aos estudantes conhecerem aspectos históricos e sociais a partir dos objetos museais e confrontá-los com a sua realidade presente, e vice-versa. Exemplo disso, destacamos o excerto 22, que ao receberem mudas de plantas nativas do Memorial Xokleng é abordado a problemática do processo de colonização e a destruição da Mata Atlântica na região.

Já a prática educativa destacada no excerto 17, utiliza uma história em quadrinhos (HQ), elaborada pela própria instituição museal, para incentivar a reflexão dos estudantes sobre temas referentes a região. Para os organizadores, “esta obra objetiva a popularização da história e utiliza a arte do desenho/ilustração, variando o processo de reflexão da história regional, buscando dar subsídios na construção do conhecimento” (DAGNONI, 2016, p. 5). Até o momento, a instituição organizou duas HQs, sobre temas diferentes, que além de serem utilizados para a prática educativa no museu, são distribuídos gratuitamente para as escolas do município. Com isso, inferimos que o museu vai até a escola, ampliando o alcance de seu potencial educativo na interface com a educação formal.

A primeira revista em quadrinhos, intitulada *Rio do Sul nas palavras do colonizador*, foi publicada no ano de 2014. A segunda revista em quadrinhos, recebeu o título de *Indígenas do Alto Vale do Itajaí: o povo Laklãnõ/Xokleng e a colonização de Rio do Sul*. Essas revistas divulgam informações históricas sobre temas, mais ao mesmo tempo, buscam despertar muitas perguntas (DAGNONI, 2014), possibilitando leituras críticas do contexto social e cultural atual, considerando interpretações do passado.

Continuando a análise, ainda com base no terceiro referente, entendemos que as práticas educativas evidenciadas nos excertos 13, 16, 20 e 21 possuem um potencial educativo para leituras críticas dos estudantes para o contexto, entretanto é preciso que sejam ampliadas, de modo a incentivar os estudantes a refletirem a partir dos objetos museais a história do município, estabelecendo relações com o presente, uma vez que se restringem aos aspectos do passado. Como se faz notar, no excerto 16: *Cards são cartões com dados cronológicos que contam a história do município (EM_8).*

Segundo Ramos (2004, p. 22) “qualquer objeto deve ser tratado como fonte de reflexão”. Essa concepção facilita a elaboração de práticas educativas reflexivas. O ato de pensar sobre objetos, em situação museal ou não, leva o envolvido na prática educativa a perceber “que, se ele constrói coisas, ele pode “mudar o mundo de cultura, que é o mundo da política”. (RAMOS, 2016, p. 73). Consideramos ainda que, “sem reflexão sobre os objetos, esmigalha-se o potencial inovador e criativo do museu histórico. [...] O museu [...] transforma-se em depósitos de objetos, ou vitrines de um *shopping center* cultural” (RAMOS, 2004, p. 134).

Objetos museais são elementos da cultura, por isso a prática educativa carece “tratar a cultura em sua constituição conflituosa, dialogar com o passado, não para sentir saudade ou tentar salvá-lo do esquecimento, mas para interpretá-lo como fonte de conhecimento a respeito das nossas idas e vindas nos mapas da temporalidade”. (RAMOS, 2016, p. 80). Salientamos que essa é uma posição que precisa ser adotada tanto pelo museu, quanto pela escola que visita a instituição. Nessa direção, interpretamos que práticas educativas com ênfase na visita guiada, como observamos na maioria dos museus investigados, pode cooperar para essa doutrinação, uma vez que não há problematização, só exposição das concepções do educador de museu.

Com a análise, considerando esse referente, inferimos que elaborar práticas educativas que possibilitem leituras críticas do público escolar para o contexto social e atual, considerando a história que os objetos comunicam/permitem interpretar não é tarefa simples. Em nossas interpretações, compreendemos que em alguns museus investigados já apresentam movimentos nessa direção de práticas críticas, mas ainda é preciso aprimorá-los, considerando os objetivos atuais para educação museal. O museu é contexto de preservar, mas, também, de mobilizar o pensamento crítico, a partir da formação de uma base conceitual na interface museu-escola.

Ramos (2004) sugere que uma prática educativa reflexiva se inicia com atividades preparatórias à visita ao museu, que podem ser desenvolvidas tanto pela escola, quanto pelo museu, mas que precisam “[...] exercitar o ato de ler objetos, de observar a história que há na materialidade das coisas.” (RAMOS, 2004, p. 21). Sugere que sejam escolhidos objetos significativos para o grupo, sob o qual será realizado um exercício de leitura, que aponte a relevância do objeto, explorando as múltiplas relações entre o objeto e quem o escolheu. O que se pretende com esse exercício é perceber que por trás de um objeto, há uma história: quem o produziu? Por quê? Para quê? Como era usado? Que relações há entre ele e outros objetos do cotidiano. Todo esse movimento de reflexão sobre objetos que estão em nosso cotidiano pode ampliar a compreensão da leitura dos objetos expostos no museu. Ramos (2004, p. 21) defende que “sem o ato de pensar sobre o presente vivido, não há meios de construir conhecimentos sobre o passado.”

Segundo o autor, explorado o presente, as várias relações entre os objetos e quem o selecionou, e observado as materialidades dos objetos, na visita ao museu, o público terá uma visão mais compreensiva dos objetos musealizados. Assim, essa atividade preparatória permite entender outras relações, como: “[...] a relação entre objetos do presente e do passado e o próprio questionamento entre o pretérito e o mundo atual. Tais exercícios vão pouco a pouco constituindo base para um relacionamento mais crítico com as exposições museológicas.” (RAMOS, 2016, p. 75).

- Quarto Referente: A prática educativa do museu com o público escolar precisa propiciar não só a interatividade entre as pessoas e os objetos museais, mas também entre as pessoas envolvidas (estudantes, especialistas, educadores de museu, pessoas da comunidade).

A prática educativa interativa deve apresentar-se como “uma possibilidade de negociação de saberes. [...] um conjunto de estratégias museológicas que transformam a exposição em um lugar de diálogo entre visitantes de todas as idades e os objetos técnicos e de exposição” (SCHIELE, 1997 *apud* NASCIMENTO, 2013, p. 241).

Com Nascimento (2013, p. 241) destacamos estratégias que possibilitam práticas educativas com uma maior interatividade entre pessoas e com objetos do museu: “acessibilidade do tema através da manipulação; o desenvolvimento da autonomia do visitante; o diálogo com visitantes de diferentes horizontes culturais; a oferta de experiências significativas para públicos diferenciados; a oferta de experiências sensíveis apelando para todos os sentidos dos visitantes”.

Assim, com base no referente, buscamos na caracterização das práticas educativas dos museus investigados, excertos que propiciam a interatividade:

Excerto 23: *O prêmio é passar uma noite no museu, com direito a jantar, filmes e atividades recreativas ministradas (EM_4).*

Excerto 24: *[...] direcionado a observar nascentes preservadas, mata ciliar nativa, plantas exóticas e fruticultura (EM_5).*

Excerto 25: *[...] a prática educativa acontece através do manuseio dos cards (EM_8).*

Excerto 26: [...] *um descendente do povo Laklänö/Xokleng, conversa com o público escolar e responde dúvidas. [...] Algumas peças são separadas para manuseio, satisfazendo curiosidades como peso, formatos (EM_10).*

Excerto 27: [...] *momento em que a serra é posta em movimento para demonstrar o corte da madeira em suas várias etapas. [...] consiste em um tour pelo parque universitário para conhecer as diversas espécies de plantas ali existentes (EM_11).*

Excerto 28: [...] *cada estudante escolhe um ou dois objetos desse bloco (dependendo da idade do grupo e do tempo de permanência no museu) para anotar informações constantes nas placas de identificação dos objetos museais (EM_12).*

Excerto 29: [...] *possuem a oportunidade de provar bebidas e comidas típicas. Durante a degustação acontece ou a contação de histórias ou a entonação de canções tradicionais, também bilíngue (EM_15).*

Interpretamos que os excertos 25 e 26 contemplam práticas educativas com interatividade, incentivando os estudantes a manipularem objetos do museu. Isso pode ser percebido pelas palavras *manuseio dos cards* e peças são separadas para manuseio.

A estratégia para desenvolvimento da autonomia do visitante, é verificada no excerto 28, pela expressão: *estudante escolhe um ou dois objetos*. A estratégia de promoção de diálogo com visitantes de diferentes horizontes culturais é acurada no excerto 26, conforme deixa clara a expressão: *um descendente do povo Laklänö/Xokleng, conversa com o público escolar*. Também a interatividade entre pessoas é percebida no excerto 29, através da expressão: *contação de histórias ou a entonação de canções tradicionais, também bilíngue*.

Destacamos ainda outras práticas educativas interativas, retiradas, respectivamente, dos excertos 23, 24, 26, 27 e 29: *passar uma noite no museu; observar nascentes preservadas, mata ciliar nativa, plantas exóticas e fruticultura; peças separadas para o manuseio, a serra é posta em movimento e tour pelo parque universitário, a oportunidade de provar bebidas e comidas típicas*. Essas, com base em Nascimento (2013) atendem a estratégia de oferta de experiências significativas para públicos diferenciados, incentivando conhecer em interação com os objetos do museu e “apelando para todos os sentidos dos visitantes”.

Por fim, mediante as análises, interpretamos que um desafio dos museus do Alto Vale do Itajaí é desenvolver práticas educativas que contribuam para “transformar os museus em **locais interativos** [...], conquistar novos públicos, propor novas formas de apropriação de conhecimento científico e técnico passou a ser a meta principal dos museus.” (NASCIMENTO, 2013, p. 236, nosso grifo). Assim, “a necessidade de novas formas museológicas [...], representa um desafio de criação e de ousadia na construção de novos espaços de aprendizagem”. (NASCIMENTO, 2013, p. 248).

- Quinto Referente: A prática educativa do museu com o público escolar precisa incentivar a singularização da experiência na relação com o objeto do museu, favorecendo a autonomia do visitante escolar na exploração do espaço do museu e nas relações com os objetos museais.

A visita ao museu por si só é uma experiência singular, influenciada por fatores como “[...] os conhecimentos prévios, os interesses e as crenças [...] aspectos muito particulares de cada visitante” (SOUZA, 2015, p. 34). Essas particularidades de cada indivíduo influenciam diretamente nas percepções que ele desenvolverá durante a visita. De acordo com Souza, (2015, p. 60), “[...] cada visitante tende a prestar atenção especial a diferentes itens de uma exposição, de modo que, se questionar a diferentes visitantes aspectos particulares de uma exposição,

muitos podem, provavelmente, citar elementos que não foram percebidos pelos demais.”

Entendemos diante do exposto, que a singularização da experiência museal, pode acontecer espontaneamente, dependendo das vivências do público visitante. Entretanto, consideramos que a prática educativa em museus precisa incentivar essa singularização e isso requer ações específicas. Encontramos nas caracterizações das práticas educativas dos museus do Alto Vale do Itajaí, algumas ações pontuais que em nossa compreensão incentivam a singularização da experiência, conforme destacamos nos excertos:

Excerto 30: *O prêmio é passar uma noite no museu, com direito a jantar, filmes e atividades recreativas [...] (EM_4).*

Excerto 31: *[...] um descendente do povo Laklãnõ/Xokleng, conversa com o público escolar e responde dúvidas. [...] Algumas peças são separadas para manuseio, satisfazendo curiosidades como peso, formatos (EM_10).*

Excerto 32: *momento em que a serra é posta em movimento para demonstrar o corte da madeira em suas várias etapas (EM_11).*

Excerto 33: *Durante a visita, cada estudante escolhe um ou dois objetos desse bloco [...] para anotar informações constantes nas placas de identificação dos objetos museais (EM_12).*

Excerto 34: *No retorno da trilha, os estudantes são acolhidos em uma cabana, ainda dentro da mata. Nesse espaço possuem a oportunidade de provar bebidas e comidas típicas. Durante a degustação acontece ou a contação de histórias ou a entoação de canções tradicionais, também bilíngue (EM_15).*

Consideramos que essas experiências, proporcionadas pelas práticas educativas dos museus, se destacam, sobressaem, deixam marcas na memória dos estudantes, sendo, portanto, experiências singulares. Assim, esses museus oferecem práticas educativas que “[...] buscam superar o didatismo dos objetos apresentados em vitrines, integrando no diálogo com o público elementos de sedução e de surpresa” (NASCIMENTO, 2013, p. 237-238).

Salientamos que o incentivar a singularização de uma prática educativa, nem sempre significa efetivar essa singularização, uma vez que a prática educativa pode “[...] contribuir para a aprendizagem proporcionando um roteiro de caminhos pré-determinados, mas cabe aos visitantes ajudar a atribuir a esse caminho significados, promovendo a sua própria aprendizagem”. (SOUZA, 2015, p. 41). Por fim, corroboramos Souza (2015, p. 41), quando afirma que “[...] a aprendizagem neste ambiente é singular, pois [...] os visitantes trazem consigo seu próprio contexto pessoal e sociocultural. [...]” e “[...] ocorre de forma diferente em cada indivíduo”.

Considerações Finais

Quando analisamos as práticas educativas desenvolvidas nos museus do Alto Vale do Itajaí, elaboradas e comunicadas a partir dos sentidos que os educadores dos museus atribuem a elas, podemos concluir que elas contemplam perspectivas do conjunto de referentes.

Relembramos que referentes, são critérios pelos quais possamos compreender práticas em uma perspectiva eminentemente formativa e não com interesse de criar modelos prescritivos do que deve ser o correto. Importante destacar, que sua elaboração revela escolhas teóricas, evidencia uma tomada de posição, por tanto são “referentes” para “leitura/interpretação”.

Assim, além de orientar a análise das práticas educativas dos museus nesta pesquisa, esses referentes poderão favorecer para outros estudos, contribuindo para elaboração de conhecimentos científicos no campo de estudo da ENF.

Nessa direção, com a nossa pesquisa buscamos sistematizar um conhecimento científico acerca das práticas educativas dos Museus do Alto Vale não com intuito de julgá-las ou compará-las, mas de elaborar um diagnóstico da situação atual das instituições.

Diante disso, compreendemos a necessidade dos museus investigados investirem na ampliação e criação de novas práticas educativas, considerando aspectos centrais destacados nos referentes, como: explorar espaços diferenciados de aprender; elaborar conhecimentos, instigar a prática investigativa; mobilizar a reflexão crítica; incentivar a interatividade (cooperação, coletivo, interação) e permitir a singularização da experiência, também para o deleite, fruição e diversão.

Esperamos que o conhecimento elaborado por meio dessa pesquisa permita conhecer, mas, principalmente inspirar, mobilizar, divulgar outras investigações e práticas educativas nos museus do Alto Vale do Itajaí e em outros museus espalhados pelo Brasil. Terminamos, com um convite ao/a leitor/a para conhecer os museus investigados a partir de uma compilação que realizamos no livreto: *Um passeio aos Museus do Alto Vale do Itajaí: um guia aos professores*. Acesse aqui no portal EduCapes: <https://educapes.capes.gov.br/>. E um bom passeio!

Referências

BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Seção 1, de 15 de janeiro de 2009.

BRASIL. **Legislação sobre museus** [recurso eletrônico]. 2. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013. Série legislação.

CASTRO, F. R. de. Há sentido na educação não formal na perspectiva da formação integral? **Museologia & Interdisciplinaridade**. v. 4, n.8, p. 171-184, dez. 2015. Disponível em: <http://educacaomuseal.org/uploads/1/0/3/8/103893332/14999-54125-1-pb.pdf> Acesso em: 25 mar. 2020.

DAGNONI, C. **Indígenas do Alto Vale do Itajaí: o povo Laklãnõ/Xokleng e a colonização de Rio do Sul**. Rio do Sul: Nova Letra, 2016.

DAGNONI, C. **Rio do Sul nas palavras do colonizador**. Rio do Sul: News Print, 2014.

DESVALLÉES, A. MAIRESSE, F. **Conceitos-chave de Museologia**. Trad. Bruno Brulon Soares e Marília Xavier. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, São Paulo. 2013.

DUARTE, JR. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 3. ed. Curitiba: Criar. 2001.

DUTRA, S. F.; NASCIMENTO, S. S. A educação no entre lugar museu e escola: um estudo das visitas escolares ao Museu Histórico Abílio Barreto. **Educação**. Porto Alegre. v. 39. n. esp. (supl). p.125-134, dez. 2016. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/20994> Acesso em: 25 de março de 2020.

DUTRA, S. F. **A educação na fronteira entre museus e escolas: um estudo sobre as visitas escolares ao Museu Histórico Abílio Barreto**. 2012. 468 p. Tese. Doutorado em Educação. Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais, 2012.

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE MUSEUS. **Cadastro Catarinense de museus**: relatório. Coordenação técnica Renata Cittadin. Florianópolis: FFC, 2016. Disponível em: <http://www.cultura.sc.gov.br/a-fcc/sobre/1403-patrimonio-cultural/sistema-estadual-de-museus#cadastro-catarinense-de-museus> Acesso: 12 de abril de 2020.

GOHN, M. G. **Educação não formal e o educador social: Atuação no desenvolvimento de projetos sociais.** São Paulo: Cortez, 2010.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Perfil dos municípios brasileiros: 2018 / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais.** Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101668> Acesso em: 12 de abril de 2020.

IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus. **Museus em Números: Cadastro Nacionais de Museus.** Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/museus-em-numeros/> Acesso em: 12 de abril de 2020.

JULIÃO, L. Apontamentos sobre a história do museu. In: **Caderno de Diretrizes Museológicas.** Brasília: MinC/Iphan/Departamento de Museus e Centros Culturais; Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2006, p. 19-31. Disponível em: http://www.cultura.mg.gov.br/files/Caderno_Diretrizes_%20Completo.pdf Acesso em: 25 mar. 2020.

LEWIS, G. O papel dos Museus e o código de ética. In: ICOM/UNESCO. **Como gerir um museu: manual prático.** Paris/FR: ICOM/Unesco, 2004. p. 1-16. Disponível em: <https://www.sisemsp.org.br/blog/wp-content/uploads/2012/09/Manual-Como-gerir-um-museu-ICOM-Unesco.pdf> Acesso em: 04 de abril de 2020.

MARANDINO, M. **Educação em museus: a mediações em foco.** São Paulo: Geenf/FEUSP, 2008.

MARANDINO, M. et al. **Abordagem qualitativa nas pesquisas em educação em museus.** In: VII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 2009, Florianópolis: VII ENPEC. Atas... Florianópolis, 8-13 nov. 2009.

MARANDINO, M. et al. **A Educação em Museus e os Materiais Educativos.** São Paulo: GEENF/USP, 2016.

MARTINS, L. C. **A relação museu/escola: teoria e prática educacionais nas visitas escolares ao Museu de Zoologia da USP.** 2006. 245 f. Dissertação. Mestrado em Educação. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MARTINS, L. C. **A constituição da educação em museus: o funcionamento do dispositivo pedagógico museal por meio de um estudo comparativo entre museus de artes plásticas, ciências humanas e ciência e tecnologia.** 2011. 389 f. Tese. Doutorado em Ensino de Ciências e Matemática. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

MARTINS, L. C.; NAVAS, A. M.; CONTIER, D; CORREIA, M. P. **Que público é esse?** Formação de públicos de museus e centros culturais. São Paulo: Percebe, 2013.

NASCIMENTO, S. S. A relação museu e escola na prática docente: tensões de uma atividade educativa. In: CUNHA, Ana Maria de Oliveira et al. (Org). **Coleção Didática e Prática de Ensino.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

NASCIMENTO, S. S. O desafio de construção de uma nova prática educativa para os museus. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves. (Org.). **Museu dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna.** 2. ed. Belo Horizonte, 2013.

SANTA CATARINA. **Guia de Museus de Santa Catarina.** Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte. Fundação Catarinense de Cultura. Florianópolis: FCC, 2014. Disponível em: <http://www.cultura.sc.gov.br/noticias/1358-fcc/cultura-em-dados/13413-13413-guia-de-museus->

-de-santa-catarina. Acesso em: 12 abril de 2020.

SILVA, V. G. ALMEIDA, P. C. A. GATTI, B. A. Referentes e critérios para a ação docente. **Cadernos de pesquisa**. v. 46, n.160, p. 286-311, abr/jun., 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742016000200286&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 04 de abril de 2020.

SOUZA, V. M. **Memória e Museus de ciências**: a compreensão de uma experiência museal a partir da recuperação das memórias dos visitantes. 2015. 163p. Dissertação. Mestrado em Educação em Ciências e Matemática. Faculdade de Física, PUCRS. Porto Alegre, 2015.

RADLOFF, C. M. B. **Interfaces de Práticas Educativas entre Museus e Escolas do Alto Vale do Itajaí**. 2019. 156p. Dissertação. Programa de Pós Graduação, Mestrado em Educação. Universidade Regional de Blumenau. Blumenau, 2019.

RADLOFF, C. M. B.; TOMIO, D. **Um passeio aos Museus do Alto Vale do Itajaí**: um guia aos professores. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/> Acesso em: 25 julho de 2019.

RAMOS, F. R. L. Objeto gerador: considerações sobre o museu e a cultura material no ensino de história. **Revista Historiar**. Sobral, v.8, n.14, p.70-93, 2016. Disponível em: <https://historiar.uvanet.br/index.php/1/article/view/234> Acesso: 04 abril de 2020.

RAMOS, F. R. L. **A danação do objeto**: o museu no ensino de História. Chapecó: Argos, 2004.

Recebido em 1º de maio de 2020.

Aceito em 6 de maio de 2020.